

Editorial

DOI: 10.3395/reciis.v6i2.Sup1.619pt

Informação é para fomentar inovações no cotidiano da gestão e do ensino em saúde

A relevância da interface entre informação e comunicação com a gestão e o ensino na saúde é de amplo reconhecimento e, contemporaneamente, novas perspectivas analíticas constituem emergências inovadoras deste campo temático. O excesso de informações e seus efeitos no cotidiano, a complexidade da saúde e a necessidade de abordagens analíticas com maior capacidade de tornar visíveis interconexões móveis e multideterminadas, os avanços teóricos e metodológicos da Saúde Coletiva e a crescente demanda por melhores resultados em termos de indicadores de saúde e de satisfação dos usuários e da população em geral geram novas demandas para essa interface informação/gestão/ensino. Também constituem condição de emergência das inovações.

Como se dizia no Editorial do número anterior da RECIIS (vol. 6, nº 2), o projeto do número que tematiza os usos da informação e das tecnologias de comunicação no cotidiano dos serviços e sistemas de saúde é uma parceria que envolve o Observatório de Tecnologias de Informação e Comunicação em Sistemas e Serviços de Saúde (Otics) e a Associação Brasileira da Rede Unida. Ele foi desenvolvido durante o período que antecedeu o 10º Congresso Internacional da Rede Unida, em maio de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Daí que os artigos, em sua grande maioria, busquem explorar, teórica e/ou metodologicamente, novas perspectivas da relação entre a informação e suas tecnologias com o cotidiano da gestão e do ensino.

Uma abordagem inovadora poderia ser a explicação para um número deste periódico. Mas, no caso, houve transcendência dessa explicação. A chegada de artigos de qualidade, muito diversos em suas abordagens intelectuais, de reflexões densamente teóricas a análises de experiências, também densas e vivificadas com os saberes do cotidiano, superou as expectativas iniciais. Daí a necessidade de um Suplemento.

O leitor poderá constatar no Suplemento mais onze manuscritos de grande relevância para pensar a informação e a comunicação em saúde, em perspectivas interdisciplinares, voltadas às práticas do cotidiano e à qualificação das ações e serviços e do sistema de saúde como um todo.

Artigos originais

O artigo "Informação, educação e trabalho em saúde: para além de evidências, inteligência coletiva", de autoria de Alcindo Antônio Ferla, Ricardo Burg Ceccimi e Rafael Dall Alba aborda o tema do uso da informação na gestão e no ensino. Os autores propõem a problematização do

lugar da informação nesses processos, tecendo uma reflexão teórica de configuração interdisciplinar e buscando o diálogo com as políticas do Sistema Único de Saúde (SUS) de informação e de educação na saúde. Sem desconsiderar o caráter técnico do tratamento da informação, os autores propõem um deslocamento para o conceito de informação como dispositivo para a mobilização do desenvolvimento de capacidades institucionais locais, superando a compreensão mais instrumental, que supõe um centramento na compreensão dos sentidos técnicos do processo dado-informação. Introduzindo o conceito de ciclo dado-inteligência coletiva, os autores analisam o desafio da produção de uma cultura da avaliação para o fortalecimento da gestão e para o desenvolvimento de capacidades profissionais nos trabalhadores da área, por meio da educação permanente em saúde e da construção de redes de produção de sentidos para dados e informações úteis ao cotidiano do sistema de saúde.

Hêider Aurélio Pinto, Allan Sousa e Alexandre Ramos Florêncio, do Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde, fazem uma análise descritiva de uma iniciativa de produção e uso de informações para a ampliação da qualidade da atenção básica no artigo intitulado "O Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica: Reflexões sobre o seu desenho e processo de implantação". Iniciado no ano de 2011, o PMAQ, como é chamado, vem mobilizando gestores, instituições de ensino e pesquisa, trabalhadores e usuários num grande esforço para avaliar unidades de saúde e processos de trabalho das equipes de Saúde da Família no Brasil. São descritas as quatro fases que organizam o programa: adesão e contratualização; desenvolvimento; avaliação externa; e recontratualização e dados sobre a adesão ao programa e a utilização da ferramenta autoavaliativa ofertada pelo Ministério da Saúde. Como análise empírica, os autores também avaliam o processo inicial de implantação, a partir da adesão dos municípios e das equipes de atenção básica. O artigo mostra como o PMAQ se articula com outras estratégias definidas pela Política Nacional de Atenção Básica. Além da produção de dados e indicadores de abrangência nacional, o Programa desencadeou a incorporação de práticas avaliativas sistemáticas em sistemas e serviços, articulações com instituições de pesquisa e a mobilização de diferentes atores envolvidos com a educação dos profissionais da saúde. Nesse caso, além das contribuições teóricas e metodológicas, o artigo aponta perspectivas para o uso de dados e informações no cotidiano de serviços e sistemas de saúde, em particular na atenção básica.

O artigo "As políticas públicas de informação e o acesso livre à informação científica em saúde sobre as doenças negligenciadas: um estudo exploratório", de Ilma Horst Noronha, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz, traz uma importante reflexão sobre a problemática do acesso e da difusão da informação científica, especialmente no que se refere à perspectiva do Movimento do Acesso Livre. Aborda o papel central da comunicação na ciência no contemporâneo, o seu compromisso social e as recentes transformações no setor das publicações científicas, que chamam a atenção para a pouca visibilidade da produção científica dos países em desenvolvimento no cenário internacional. Especificamente em relação às doenças negligenciadas, com grande relevância epidemiológica nesses países, é reconhecido o insuficiente investimento em pesquisa e, assim, o conhecimento disponível se mostra precário para embasar as inovações necessárias à superação da situação de saúde. A pesquisa empírica tratou as bases de conhecimento disponíveis, sendo que os resultados confirmam o potencial do acesso livre para essas informações, ao mesmo tempo em que a autora sugere a importância de um movimento de

conscientização e reflexão crítica, que oriente e contribua para a proposição de uma política pública de acesso livre à informação científica no campo da saúde.

Ainda no território de análise do acesso à informação no cotidiano das práticas no interior de sistemas e serviços, mas tendo uma experiência concreta de implantação de um Observatório como campo empírico, o artigo "Informação e comunicação em redes de prática como educação permanente: o caso da Estação Escola GHC do Observatório de Tecnologias de Informação e Comunicação em Sistemas e Serviços de Saúde, de autoria de Rafael Dall Alba e colaboradores, também traz contribuições relevantes ao tema desta RECIIS. O artigo inicia com uma abordagem conceitual relativa aos desafios da atuação em cenários especializados e de grande complexidade e das potencialidades à inovação do uso da informação e suas tecnologias no cotidiano do trabalho e da gestão em saúde. A análise da experiência desenvolvida destaca duas iniciativas desenvolvidas na Escola do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), que permitem colocar em questão a potencialidade de uso da informação no desenvolvimento de tecnologias de vigilância sanitária mais voltadas à ideia da integralidade na saúde: a criação de um programa de educação e promoção em saúde relacionado com eventos toxicológicos em crianças e outra na construção de sistema de monitoramento e rastreamento de próteses ortopédicas. Embora diversas em relação ao conteúdo, essas iniciativas demonstraram capacidade de, segundo seus autores, não somente potencializar o uso da informação para a qualificação dos serviços hospitalares, mas também produziu espaços de desenvolvimento e análise de projetos contribuindo para a obtenção de dados robustos destinados ao fortalecimento da gestão e da atuação em vigilância sanitária, em rede interinstitucional e voltada à qualidade da atenção aos indivíduos e coletividades. O foco na integralidade se fortalece com a articulação interinstitucional produzida pela iniciativa, com a aproximação de estruturas e práticas da vigilância sanitária e da assistência, na produção de conhecimentos úteis ao cotidiano do trabalho, seja assistencial ou de formação de trabalhadores, e, sobretudo, no fortalecimento da educação permanente em saúde.

O artigo "Da comunicação da informação à produção de sentidos como estratégia para a promoção do direito à saúde", do antropólogo Ivo Quaranta, da Universidade de Bolonha, aborda o tema da comunicação em saúde, especificamente sobre a potência de produção compartilhada de sentidos do fenômeno do adoecimento. A partir de uma perspectiva antropológica, o pesquisador afirma que, mais do que troca de informações, a comunicação pode compor processos participativos de produção de sentido da realidade, capazes de promover reformulações da experiência da doença, e, concomitantemente, permitir a identificação de formas de intervenção social capazes de gerar a superação da experiência da doença e do adoecimento, dos usuários e das coletividades. Tal processo reconfiguraria o sentido do conceito de eficácia terapêutica, na medida em que colocaria no âmbito do direito à saúde e, portanto, da ação em saúde, as diferentes transformações individuais, coletivas, sociais, ambientais e subjetivas necessárias para a produção de novos padrões de saúde. Novamente em destaque a perspectiva do uso inovador da informação, aqui proposta como dispositivo de comunicação e, mais do que isso, de intervenção no cuidado, na medida em que reivindica a troca de saberes e a produção de sentidos comuns para informações tradicionalmente totalizadas na dimensão biomédica.

Finalizando a seção de "Artigos Originais", o trabalho "Plano de Desenvolvimento da Gestão e do Cuidado: uma ferramenta do Apoio Institucional/FESF-SUS às equipes de gestão da atenção

básica”, de autoria de João André Santos de Oliveira e colaboradores, da Fundação Estatal de Saúde da Família da Bahia, amplia o campo de problematização do uso da informação no cotidiano da gestão. Nesse caso, a informação científica – transformada em evidências científicas pela racionalidade biomédica hegemônica – e os dados e informações em saúde – transformados em evidências gerenciais pelo conhecimento epidemiológico vigente. O artigo problematiza a racionalidade gerencial hegemônica e sua incompatibilidade com a lógica da gestão da atenção básica voltada para a mudança na modelagem tecnoassistencial vigente, buscando a produção de sentidos para a informação no cotidiano da gestão e a educação permanente em saúde. O artigo tem como campo empírico de análise a experiência de desenvolvimento institucional da gestão municipal, por meio do apoio institucional, em municípios baianos vinculados à Fundação Estatal Saúde da Família – FESF-SUS, criada em 2009. A análise aponta a necessidade de reorganização do processo de trabalho na coordenação da atenção básica, a implantação do apoio institucional municipal e das Comissões de Acompanhamento e Avaliação. O apoio institucional enquanto uma “forma de fazer” a gestão da atenção básica pode produzir transformações no processo de trabalho das equipes, qualificando o cuidado, concluem os autores.

Ensaio

A seção “Ensaio” deste número é composta por dois textos de grande relevância para o território temático do uso da informação no cotidiano do sistema e das práticas de saúde. O primeiro deles, de autoria de Afonso Reis, Paulo de Tarso Oliveira e Paulo Sellera, aborda o “Sistema de Avaliação para a Qualificação do Sistema Único de Saúde (SUS)”. Trata-se da sistematização de uma proposta para uma política nacional de avaliação, abordando diversos aspectos e com quatro componentes: o Índice de Desempenho do Sistema Único de Saúde – IDSUS; o Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde (PNASS); as Pesquisas nacionais de avaliação do acesso e de satisfação dos usuários; e o Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ). A grande relevância da proposta está no esforço do Ministério da Saúde em sistematizar iniciativas que, sendo independentes, ficam concatenadas no escopo de um sistema integralizador. Mais do que a articulação de iniciativas, há uma visível preocupação de produzir uma gramática avaliativa a partir do cotidiano do sistema de saúde e não, como em muitas iniciativas anteriores, a utilização de conceitos e teorias para buscar legitimidade à projeção sobre as práticas.

O segundo ensaio, intitulado “Além do informar: a comunicação social a serviço dos processos de promoção em saúde e das redes de gestão e atenção”, do jornalista Anderson dos Santos Machado e da sanitarista em formação Vivian Costa da Silva, aborda a relação entre a comunicação e a saúde, na perspectiva das práticas dos diferentes profissionais. Utilizando-se da contribuição de diversos teóricos, mas também da experiência própria em iniciativas governamentais e da sociedade civil, os autores constroem uma vertente de análise sobre a potência da comunicação para a produção de redes interdisciplinares para o trabalho em saúde, de processos de educação permanente em saúde, de gestão participativa e de integração das práticas no cotidiano do SUS.

Resenhas

Duas resenhas de filmes compõem esse Suplemento da RECIIS, ambas tomando como campo de análises a interface entre a "sétima arte" e a saúde. Na primeira delas, o jornalista Rafael Cavadas analisa dois novos títulos que têm como pano de fundo uma questão com recente destaque em indicadores e que mobiliza práticas no interior do sistema de saúde: o uso de álcool e outras drogas. Trata-se do drama "Paraísos Artificiais" (2011), do diretor Marcos Prado, e da comédia "E aí, Comeu?" (2011), assinada por Fellipe Joffily. Dois exemplos recentes que mostram como a cinematografia nacional tem posto o uso de drogas em debate sem necessariamente tornar evidente a inserção da saúde em tal discussão. A pergunta que busca resposta na resenha é como as novas abordagens para o problema do álcool e outras drogas na comunicação cinematográfica, ultrapassando as abordagens moral e biomédica, podem fortalecer uma cultura de saúde compatível com as ideias que compõem o Sistema Único de Saúde? Assim, busca a reflexão de como o cinema tem potência para afirmar novas concepções de saúde e desencadear novas práticas.

Na segunda resenha, a epidemiologista Stela Nazareth Meneghel e demais colegas apresentam o filme ítalo/francês "Queimadas", de Gillo Pontecorvo, de 1969. O filme é antigo, mas está, de certa forma, atualizado no uso feito no programa de educação permanente em vigilância em saúde que vem sendo realizado no Haiti pelo Ministério da Saúde do Brasil, pela Fundação Oswaldo Cruz, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e outras organizações, no escopo da Cooperação Brasil/Cuba/Haiti. Aqui o foco analítico é a possibilidade de articulação entre a história, mesmo que com algumas imprecisões, no que se refere à ilha caribenha, e a produção de saúde, considerando as configurações histórica e social dos sistemas de saúde, mas também dos modos de vida da população. Não apenas a questão do uso de recursos didáticos diversificados, como filmes, está em questão, mas a articulação de conteúdos e a mobilização de sensibilidades da história e da cultura compõem o link entre o cinema e a saúde. A exibição do filme em atividades educativas do núcleo da epidemiologia convoca os diferentes participantes para pensar em saúde/doença/atenção à saúde sem descuidar da reflexão histórica e da crítica social, como destacam os autores.

Novas escrituras e mediações em saúde

Na seção "Novas Escrituras e Mediações em Saúde" deste número, o relato da experiência do Observatório Baiano de Regionalização, uma iniciativa de uso da informação e das tecnologias de comunicação no cotidiano da gestão. Nesse relato, o destaque é da capacidade de uso criativo e inovador da informação, dando sustentação – mas também viabilidade – para uma regionalização viva, porque feita em territórios que se transformam a partir da ação de diferentes atores, como nos diria Milton Santos. No manuscrito "A experiência do Observatório Baiano de Regionalização: uma ferramenta para avaliação e qualificação da gestão regionalizada do SUS na Bahia", Mariana Bertol Leal e colaboradores descrevem a experiência, destacando as diferentes funcionalidades e processos de trabalho criados e sua articulação com problemas cotidianos da gestão regional. As diversas ferramentas que compõem o Observatório foram desenvolvidas para apoiar a avaliação, o planejamento e a execução das políticas de saúde bem como para qualificar a gestão na tomada de decisão, aproximando os gestores de um conjunto de informações necessárias e estratégicas. De acordo com os autores, o Observatório atua como dispositivo de gestão potente para subsidiar a

descentralização e a regionalização do SUS na Bahia bem como para acompanhar e avaliar o processo desencadeado para reorganização dos sistemas regionalizados. No caso do manuscrito, uma vez mais tem-se a afirmação de um uso inovador da informação e suas tecnologias, como adjuvante na gestão criativa e comprometida com o SUS.

.....

Findo o desafio de implementar o projeto descrito na inicial, vale o destaque que os artigos oferecidos à leitura nos dois números da RECIIS trazem contribuições teóricas e metodológicas muito relevantes, densos relatos de experiências que reivindicam mediações com outros vividos, uma enorme diversidade de autores em termos de localização institucional e formações acadêmicas, uma grande mostra de redes locais articuladas em torno do tema da informação & comunicação em saúde, evidências robustas da relação produtiva entre a informação e a educação permanente em saúde, uma grande diversidade institucional nessas redes locais e a forte convicção de que, mais do que uma diversidade de situações, os artigos descrevem a emergência da informação e comunicação em saúde como núcleo temático relevante para a Saúde Coletiva.

Boa leitura a todos e que os artigos oferecidos a sua leitura tenham também a capacidade de provocar a escrita, além de novas iniciativas de fazer no cotidiano.

Alcindo Antônio Ferla
Editor Convidado